Parte 1 – Narrativas e formação de professores
**1. Histórias de professoras e *pesquisa* formação: círculo virtuoso
*narrativaescuta***

Inês Ferreira de Souza Bragança

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BRAGANÇA, I.F.S. Histórias de professoras e *pesquisa* formação: círculo virtuoso *narrativaescuta*. In: SANGENIS, L.F.C, OLIVEIRA, E.F.R., and CARREIRO, H.J.S., eds. *Formação de professores para uma educação plural e democrática: narrativas, saberes, práticas e políticas educativas na América Latina* [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018. Pesquisa em educação / Formação de professores series, pp. 30-49. ISBN 978-85-7511-484-1.
<https://doi.org/10.7476/9788575114841.0003>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Parte 1

NARRATIVAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

1

Histórias de professoras e *pesquisa*formação: círculo virtuoso *narrativa*escuta

Inês Ferreira de Souza Bragança

Caminhos de *pesquisa*formação

A problemática que acompanha os movimentos de vida e pesquisa narrados no presente texto se articula às experiências vividas enquanto professora dos anos iniciais e, depois, formadora de professores na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), juntamente com o Núcleo Vozes da Educação. Retomo, aqui, caminhos de *pesquisa*formação que buscam uma perspectiva sensível, incorporando a vida dos professores, em toda a sua complexidade existencial, como dimensão que atravessa o processo formativo. Nesse sentido, as histórias de vida são tomadas como uma possibilidade *teóricometodológica* no movimento de tematização da própria vida e como *espaçotempo* de formação docente.

A abordagem (auto)biográfica no campo das ciências humanas e sociais, da educação e da formação de professores traz a beleza das práticas sociais, do gênero literário que nos inspira a pensar nossa vida na leitura da história do outro e também se delineia como uma potente perspectiva de *investigação*formação, em uma epistemologia *outra* que favorece o reencontro do ser com ele mesmo em partilha com as pessoas, com as práticas pedagógicas e com o mundo.

Durante dois anos vivi o círculo virtuoso entre narrativa e escuta que envolveu professoras brasileiras e portuguesas dos anos iniciais de escolarização. A intensidade dos momentos de encontro com elas me levou à escrita do “livro da vida”, como possibilidade de registro da experiência do próprio encontro, do momento da enunciação, da construção narrativa – da fala solta, da fala tímida ou contida, dos momentos de emoção, dos risos e dos silêncios. Nesse sentido, partilho a escrita tecida ao longo do processo da pesquisa, da forma como foi registrada no “livro da vida” e, como na feitura de uma colcha, vou costurando diferentes retalhos em uma composição que integra uma pluralidade de cores e imagens, traduzidas em histórias, contextos, pessoas, lugares e acontecimentos. Enfim, uma “tessitura de intrigas” (Ricoeur, 1994).

Ao falar dos caminhos trilhados, encontro-me com o poeta Antonio Machado ao afirmar que não há caminho, este se faz com o caminhar, pois, nesse processo, fui como caminhante, e o caminho foi sendo construído ao caminhar. Fui buscando, ao longo da pesquisa, sensibilidade para com o processo que foi se desdobrando, com o desenvolvimento concreto da pesquisa e do caminhar.

O grupo de professoras-investigadoras-participantes foi constituído de educadoras de diversas cidades portuguesas e brasileiras, em diferentes momentos da trajetória profissional. Foram três entrevistas-conversas biográficas, três encontros de *pesquisaformação*, em que, inicialmente, a pesquisa com seus objetivos, metodologia e “contrato de trabalho” foi discutida, abrindo caminho para uma experiência biográfica de formação. Nos dois primeiros encontros, fui conduzida pela beleza de narrativas que tomaram a vida como *espaçotempo* de formação docente, e no terceiro vivemos um movimento de interpretação partilhada da narrativa.

As transcrições e a compreensão temática constituíram um caminho importante. Em *movimento vertical* procurei olhar a

trajetória de cada uma das professoras como tessitura de intrigas, como histórias que podem ser seguidas, e em *movimento horizontal* colocando-as frente a frente, em diálogo. Algum tempo depois da realização dos encontros, retomei as transcrições e ensaios de compreensão para a escrita da biografia educativa de cada uma delas.

Partindo de um trabalho sobre avaliação, Pierre Dominicé encontrou, na abordagem autobiográfica, uma forma de estudar o processo de aprendizagem, por meio do estudo da importância da lembrança dos anos escolares. Nesse caminho, chegou ao trabalho com as biografias educativas, em que a história de vida focaliza o processo de aprendizagem e formação do narrador. Investindo nessa perspectiva, Dominicé afirma que as biografias educativas contribuem para melhorar a compreensão do processo de aprendizagem do adulto, possibilitando reorganizar as diversas influências sobre o processo de formação e as articulações entre os diversos movimentos da vida e da aprendizagem. Assim, a narrativa da trajetória favorece uma análise reflexiva e, potencialmente, formadora (Dominicé, 2000).

É possível notar um fértil desdobramento em caminhos *teóricometodológicos* que valorizam a narrativa reflexiva. No Brasil, temos valorizado experiências narrativas organizadas como *memoriais de formação* (Abrahão, 2008a, 2008b, 2011; Passeggi, 2008), *narrativas pedagógicas* (Prado; Cunha; Soligo, 2008) e *narrativas de formação* (Souza, 2006) que, guardadas as singularidades de cada uma das expressões e da forma como são desenvolvidas pelos pesquisadores-formadores, valorizam a escrita reflexiva da trajetória de vida com uma temporalidade alargada ou elaboradas de forma temática, com ênfase oral e/ou escrita. Tais perspectivas têm sido incorporadas à formação inicial e continuada de professores, indicando um caminho aberto para a construção de saberes que

entrelaçam diferentes dimensões das trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais.

Desde o início do trabalho com as professoras, nutri forte expectativa de que pudesse encontrar nele, ou seja, nas próprias narrativas, o sentido da investigação, ou seja, tinha os objetivos, eixos e questões, contudo queria estar atenta ao movimento interno da própria pesquisa, às pistas que vêm do desenvolvimento do trabalho, que vêm das vozes das professoras. E uma das pistas que vai se tornando forte é a possibilidade de aprender com a história de vida das professoras. Ter acesso às suas histórias, aos caminhos percorridos tem-me ensinado e tem-me feito refletir sobre minha própria trajetória (Bragança, 2012, p. 166)

A tese “Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal” (Bragança, 2009) contém a biografia educativa das 12 professoras narradoras. O livro de mesmo título, publicado em 2012, pelo limite de páginas possível, contém as de Simone e Clara. Posteriormente publiquei, em capítulos de livro, as de Teresa, Rute e Isabel e, no presente texto, a biografia de Bela. Mas por que partilhar a biografia educativa de professoras e suas histórias?

As biografias educativas das professoras são um convite ao conhecimento. Aprendemos de uma maneira especialmente significativa quando ouvimos suas vozes falando da vida em cidades, aldeias e vilas em Portugal e no Brasil; das genealogias e histórias de família que atravessam um tempo saturado pelos contextos sociais, históricos e políticos em que estão inseridas; das memórias da escola primária e do desenrolar da escolarização; dos encontros e desencontros com a docência e a materialidade de seu trabalho; das pessoas, dos outros (muitos outros) com quem, ao longo da vida, ensinam e aprendem. Em cada uma dessas histórias,

uma possibilidade de narração e também de leitura se coloca, em um movimento sempre aberto que, agora, envolve também o leitor no compromisso de reflexão não só sobre a tessitura de intrigas que se colocam nas tramas, mas também, e especialmente, na possibilidade de, ouvindo e refazendo essas histórias, refletir e refazer, também, dialogicamente, lampejos de sua própria trajetória de vida e formação.

É esse o convite que fazemos nesse texto, por meio da biografia educativa da professora Bela, portuguesa da região de Évora, no sentido de favorecer novas leituras, aprendizagens e interpretações.

Bela: a formação como construção de um caminho de autonomia

Para Bela, a escola primária foi uma grande “seca”: rígidas práticas disciplinares, uma professora exageradamente exigente, a utilização do manual, completamente desajustado, sem respeito pelo ritmo de desenvolvimento dos alunos e a constante repressão da sua postura.

No regime fascista isto era mesmo assim, um rigor enorme, uma disciplina, uma [...] houve alturas em que a escola para mim, eu enquanto aluna, foi uma seca mesmo, é a palavra certa. Havia disciplinas e coisas que me fartavam e eu tive sempre esta vontade de não querer que, para os meus alunos, a escola fosse uma seca, porque para mim foi. Havia, eu levava da minha professora, levava bofetadas, mas eu era reguila,¹ eu era um bocadinho reguila. E, naquela altura, até para apanhar um lapisinho que caía era preciso autorização... E lembro-me, muitas vezes, disto a minha professora da

1. Palavra de uso comum em Portugal, significa “irrequieta”.

primária era muito exigente, mas, às vezes, era exageradamente exigente (Narrativa oral – Professora Bela).

Do ambiente familiar, Bela recebeu a proteção de seus pais. O pai trabalhava como fiscal do mercado e a mãe tinha uma loja e trabalhava em casa de forma que podiam atender às necessidades das filhas. A mãe, “apesar de ter a 4ª classe”, queria que as filhas estudassem e, quando a irmã mais velha de Bela concluiu o primeiro ciclo, mudou-se para a cidade mais próxima e ficou hospedada na casa de uma senhora, mas como chorava muito com dificuldade de adaptação, toda família se mudou para que a irmã pudesse dar continuidade aos estudos.

Os meus pais modificaram toda a vida deles porque investiram sempre na nossa formação [...]. Ainda não era esta coisa das reuniões de pais e não sei o quê, mas ela sempre interessada a ir à escola a saber como é que nós estávamos a querer ver, “tens teste amanhã, vais estudar”.

Bela mudou-se, assim, para a cidade com três anos e traz a memória de uma infância feliz e tranquila: as muitas brincadeiras na rua, sempre, nas noites de verão, no calor intenso do Alentejo.

De vez em quando, a mãe era muito boa, mas também a dar uns sopapos, porque eu era muito... eu para época era muito... tinha muita vivacidade, eu gostava de ver e era curiosa. E naquela altura, as meninas eram um bocadinho reprimidas, não? Enfim... mas a mãe sempre a chamar muito a atenção “não podes fazer isto, não podes fazer aquilo, não podes não sei o que lá” [...].

O gosto pelas brincadeiras e a vivacidade da infância são levadas para a juventude por meio do basquetebol e do desporto que

assumem uma centralidade fundamental. Durante o Liceu, são os professores e as aulas de Educação Física que a fazem gostar da escola apesar das *secas* que vivia; participou de muitos jogos e competições representando a escola. Embora tivesse capacidades, nas outras disciplinas era uma aluna “normal”, contudo, era aprovada. Os professores de desporto eram mais informais. Com os outros tinha que estar “muito direitinha” e, como era impulsiva, sentia grande dificuldade. Traz dessa etapa algumas marcas negativas, professores muito rígidos: o nivelamento dos alunos, “toda a gente ter o mesmo ritmo, toda a gente ser quase da mesma maneira”. As experiências negativas da sala de aula se contrapunham ao desporto, no qual podia expressar sua forma de ser e de estar.

Foi essa identificação que levou Bela à sua escolha profissional: queria ser professora de Educação Física. Entretanto, para isso, teria que estudar em Lisboa, onde seu namorado morava e, para a época, isso não era visto com bons olhos. Sua mãe, então, a cerceou e não permitiu que seguisse esse caminho, sugerindo que fizesse o curso do magistério em sua própria cidade. Como reação, Bela ficou um ano sem estudar e começou a procurar emprego. Com o tempo, entretanto, percebeu que não continuar os estudos a prejudicaria e, assim, fez prova de admissão para a Escola de Enfermagem e para a Escola do Magistério. Como passou nos dois exames, teve que escolher, pendendo mais para a Enfermagem. Mas, atendendo às orientações de sua mãe, que se preocupava com as dificuldades no horário de trabalho, Bela fez o curso do magistério de primeiro ciclo.

Um tempo de boas recordações, um período de maior identificação com a escola, maior liberdade. Bela fez muitas amizades que duram até hoje, colegas que depois reencontrou no curso de complemento. Do curso, destaca a vertente desportiva que continuou a acompanhá-la de perto e a importância da formação didática que atualmente percebe que falta aos estagiários.

Me ensinavam como é que eu devia dar iniciação, sei lá, às áreas em Matemática, como é que eu havia de abordar certas matérias da Língua Portuguesa, porque eu tinha as Didáticas da Língua Portuguesa, as Didáticas da Matemática; portanto, disciplinas que me ensinaram e que foram, para mim, foram muito importantes no magistério.

O casamento e o ingresso na trajetória profissional marcaram o início da vida adulta. Um tempo de muitas aprendizagens, de vivência da liberdade, da autonomização pessoal e dos desafios de articular vida pessoal e profissional.

Depois a realidade, quando nos confrontamos com a realidade, é um bocadinho diferente, mas contribui, é uma segurança, é uma segurança. O curso do magistério deu-me alguma segurança para iniciar a minha vida prática. Só que, sim, senhor, aprendi e aprendi e muito, mas, ao longo da vida, sem dúvida nenhuma, é que nós vamos ganhando experiência e errando, tropeçando e levantando e percebendo, porque é que erramos e porque que é muito, é muito vago aquilo que nós aprendemos; é muito vago, quando somos confrontados logo ali, muito novos, com aquela realidade. Eu saí do magistério, fui para um monte, complementemente sozinha [...] (Narrativa oral – Professora Bela).

Os primeiros anos de magistério, em montes e vales, foram marcados pelo tropeçar, pelo levantar e pelo isolamento. A escola era de difícil acesso, Bela ia e voltava todos os dias com um senhor que fazia a condução e não tinha colegas com quem partilhar as dúvidas, trabalhava sozinha na escola que tinha cinco alunos e quatro anos de escolaridade. Guarda a lembrança dos alunos e o enriquecimento que veio do conhecimento que as crianças tinham do meio em que viviam.

E, então, foram também uns anos enriquecedores, porque aqueles miúdos eles conheciam tudo do campo, dos lagartos, daquela coisa toda e para mim, toda a minha inexperiência [...] aquelas dúvidas, tantas dúvidas que nós temos quando saímos e ficamos assim sem ninguém, sem rede. Mas, estava sem rede eu não tinha ninguém, não tinha uma colega com quem dividir aquelas angústias todas, porque são, são angústias. Como é que eu vou por este miúdo para ler? Aquela insegurança toda, mas, por outro lado, porque eu tinha que resolver tudo sozinha (Narrativa oral – Professora Bela).

Bela foi, entretanto, transferida para uma Vila e lá teve a presença de colegas com quem pôde partilhar, sentiu-se mais apoiada. Todavia, foi a mudança para a escola anexa que constituiu um acontecimento biográfico central em sua trajetória de formação: “foram anos muito, muito enriquecedores”; “uma escola onde eu aprendi imenso, imenso, imenso, imenso”; “e tive umas colegas, umas mestras espetaculares, principalmente aqui, quando estive nesta escola [...]”. Mas, realmente aquela escola para mim foi uma escola, foi uma escola de vida e de aprendizagem”. Ao chegar lá, Bela encontrou colegas professoras com quem trocou, partilhou e aprendeu.

Depois, foi naquele “boom” do 25 de abril, os métodos diferenciados, aquelas várias experiências, então, várias experiências pedagógicas que desenvolveram aqui na escola. E eu, para mim, foi uma escola acho que melhor do que o magistério, porque eu aliava a prática à teoria, porque eu conseguia, eu aplicava aquilo que aprendia com elas, porque elas, realmente, eram um lote de professoras excepcional (Narrativa oral – Professora Bela).

A escola era campo de estágio do curso do magistério primário e utilizava “umas metodologias avançadas para época”. Ao longo de sua trajetória, Bela sempre contou com a presença de estagiários

em sua sala de aula e com eles também aprendeu “imenso”: “o fato de na minha sala ter estado sempre alunos estagiários, eu não era a mesma professora, sinto que não era, porque com o aluno ali na sala, nós não podemos, mesmo que queiramos estagnar, não podemos [...]”. Bela ensina-os, partilha com eles suas experiências e aprende com a beleza de uma “altura da vida em que há muitas ideias, nós até achamos que mudamos o mundo com vinte anos”; eles sempre trazem coisas novas, inovam. Afirmo que não seria a mesma professora se não tivesse essa oportunidade de partilha ao longo de sua trajetória. Por outro lado, os professores da Escola do Magistério Primário, responsáveis pelo estágio, estavam sempre presentes e enriqueciam a prática educativa por meio de trocas e aprendizagens. As ações de formação também estiveram presentes em sua trajetória, e sempre buscou aquelas que a interessavam, que não fossem uma “seca”.

Houve, entretanto, uma mudança na organização da escola que deixou de ter característica de escola anexa e, então, um certo “*esfriamento*” do processo de construção coletiva da docência. Bela sente grande diferença entre o passado e o presente, a solidariedade e a partilha opõem-se ao isolamento dos professores. Os agrupamentos de escolas têm reunião de professores a cada período e, ao longo do processo, são as trocas informais que alimentam a partilha coletiva. Entretanto, nos últimos anos, trabalhou em outras escolas acumulando experiências diversificadas, com diferentes grupos. Meninos com muitos problemas: “trabalhava em uma escola que recebia os meninos da Casa Pia, mas tinha outros meninos, era uma população masculina, muitos rapazes. E tive, depois, com as manas daqueles, dos meninos da Casa Pia, feminino”. Houve grupos com grandes potencialidades e outros com grandes dificuldades.

Lembra de ações ligadas ao Estudo do Meio, à Informática e à Língua Gestual, especialmente essa última trouxe grande contri-

buição na comunicação com cinco alunos que estavam integrados em sua sala de aula. O retorno à universidade, para realização do complemento de formação, foi uma experiência de grande significado: *adorou* fazer este curso, foi a vertente preferida. “Gostei imenso, gostei imenso, apesar de uma grande sobrecarga, porque estudar trabalhando não é a mesma coisa de [...]”. A relação com os professores foi muito positiva, os alunos foram de peito aberto para aprender. Lá reencontrou amigas e fortaleceu antigas amizades da Escola do Magistério Primário. Um dos trabalhos que realizou foi sobre o “Aprender no Alentejo” e, então, retornou à sua aldeia natal para ali conversar com pessoas e levar processos de aprendizagem que acontecem informalmente na cidade. Desenvolveram também trabalhos que favoreceram reflexões sobre suas próprias práticas.

Para mim, foi gratificante fazer aqueles dois anos, porque a prática nós tínhamos, vinte e tal anos de prática, mas há coisas que nós fazemos intuitivamente, porque já temos muita experiência e que eu, naqueles dois anos, percebi porque é que eu fazia, no que que aquela minha prática assentava, em que teorias, está a perceber? E, então, para mim foi gratificante e aprendi imenso, gostei imenso daqueles dois anos muito sobrecarregados, porque saíamos da escola e íamos, a correr para a universidade, todos os dias até às nove e tal da noite. Chegávamos à casa, ainda tínhamos algumas coisas para fazer, preparar as aulas para os miúdos (Narrativa oral – Professora Bela).

O Complemento trouxe, assim, um tempo de reflexão sobre a prática, sobre o que ficou para trás, *o cimentar*, uma formação mais abrangente. Todavia, foi um tempo de sobrecarga de trabalho, quando recebeu grande apoio do marido e dos filhos para que pudesse prosseguir.

Os últimos anos trouxeram grandes tristezas: acontecimentos de ruptura, de luto com a perda de pessoas muito próximas, muito queridas e, no momento de grande sofrimento, Bela se coloca como pilar de sustentação da família, buscando a força necessária para a continuidade da vida. “Mas a escola ajudou-me imenso, ajudou-me imenso, o estar com as colegas, o estar com as crianças, ajudou-me imenso. Aquela tristeza, tem que se fazer, tem mesmo, só que depois tinha aquele estímulo ali da escola e das crianças que me ajudaram.” E Bela prossegue...

Em sua prática pedagógica, procura uma relação de respeito mútuo com os alunos e dá grande importância à afetividade. Utiliza o método de alfabetização das 28 palavras, método de raiz global, desenvolvido no Brasil. Os manuais são utilizados como complementos e não constituem a centralidade do processo educativo. Ela própria seleciona os textos que serão utilizados e também incentiva a produção textual pelos alunos. Trabalha a gramática e a interpretação com textos produzidos por eles e, no final, organiza um livro da turma. A literatura infantil está sempre presente, procura dar ênfase ao estudo da História de Portugal por meio da expressão plástica, nas dramatizações. Enfim, Bela procura construir, na sala de aula, um *espaçotempo* de alegria para os alunos e também para ela.

E, então, eu tive sempre presente que, para os meus alunos, eu quis sempre que eles não achassem a escola enfadonha, aborrecida, que gostassem de estar e esforço-me nesse sentido, sempre tenho tido isto muito presente. Tornar-lhes aquelas horas que eles estão ali comigo, torná-las agradáveis é claro que há matérias que, por muitas voltas que a gente dê, é assim, é assim e pronto. Mas eu gosto sempre de aliar o lúdico, gosto sempre de que eles tenham motivação para aprender... (Narrativa oral – Professora Bela).

Trajetória de formação da professora Bela: reflexões

A trajetória de vida e formação de Bela revela-se como a luta pela construção de um caminho de autonomia, de afirmação de si mesma, de sua forma de ser e estar no mundo e com as pessoas. A vivacidade, a energia, o gosto pelo brincar e pela liberdade encontraram, desde cedo, fortes resistências no contexto familiar, escolar e social. Desses contextos, vieram intensas e sistemáticas tentativas de cerceamento que precisaram ser enfrentadas por ela.

Sua trajetória de formação pode ser compreendida como um movimento dialético entre *cerceamento* e *liberdade*, vertentes que se entrelaçam de diferentes formas ao longo de sua vida. Na infância, o *cerceamento* manifesta-se preponderantemente na escola primária, que se traduz em *uma seca*. As rígidas práticas disciplinares e pedagógicas buscam formatar e nivelar os comportamentos, utilizando com todos os mesmos manuais, exigindo sempre a mesma *batinha*. Apesar da afetividade e cuidado que envolve o universo familiar, a inserção no contexto sócio-histórico conduz, também, à tentativa de controle de seu comportamento, no sentido de adequá-lo ao que era a referência de um comportamento pertinente às meninas. A vertente da *liberdade* está presente no enfrentamento desses contextos, aparecendo na intensidade de sua forma de viver, nas brincadeiras na rua, na preservação de seu espaço pessoal.

Na juventude, a formação escolar no Liceu mantém a busca de controle do comportamento. Contudo, o desporto assume um lugar de centralidade na vida de Bela como *espaçotempo* de vivência da liberdade. Nas práticas desportivas (no basquetebol e na natação, por exemplo) sua forma de ser não era reprimida, mas valorizada e incentivada pelos professores. A paixão pelo desporto direciona, todavia, uma crise pessoal e familiar entre a liberdade e o cerceamento, pois Bela deseja a manutenção daquele espaço de

liberdade para todo seu percurso de vida; deseja ser professora de Educação Física, mas recebe uma forte carga de repressão e cerceamento: a família não permite que vá para Lisboa fazer o curso. Luta e reage, entretanto, percebe que precisa continuar a construção de sua vida e, após um processo também conduzido pela família, ingressa na Escola do Magistério Primário, uma etapa de formação de maior maturidade, onde encontra espaço de expressão.

A vida adulta traz a afirmação da autonomia e da liberdade pessoal, a vivência intensa e madura de sua forma de ser nos papéis de esposa, mãe e professora. Bela e o marido viveram, nos primeiros anos do casamento, a liberdade partilhada da juventude que indica o tom de um caminho conjunto na vida pessoal e familiar. Por outro lado, o ingresso na vida profissional permitiu que Bela viva também a intensidade, a energia e a vitalidade de sua forma de estar. Procura construir uma prática pedagógica que, como contraponto às memórias que traz da escola primária, caracterize-se por um trabalho sistemático de aprendizagens fundamentais, contudo, construídas e tendo por base o respeito mútuo e o contentamento.

A vertente do *cerceamento*, dialeticamente, coloca-se, entretanto, como inerente à existência humana e, na vida adulta de Bela, vem pela perda repentina e traumática de pessoas queridas: a interrupção abrupta de sonhos e projetos de futuro na vida familiar. Nesses momentos difíceis, é com a energia e a vitalidade fortalecidas durante toda a vida que dá continuidade à sua trajetória.

No olhar sobre esses movimentos de vida, encontramos o sentido de sua formação que pode ser indicado como caminho de construção partilhada da liberdade. Caminho, pois suas imagens sobre a docência foram sendo tecidas ao longo de todo percurso em uma construção propositiva de ressignificação das experiências de cerceamento e liberdade, vindas dos espaços formais e informais de aprendizagem. As experiências de vida foram

filtradas e elaboradas a partir de um ponto de referência central: sua forma de ser e de estar. Assim, o contraponto às secas da escolarização formal, a intensidade das experiências com o desporto, a luta por sua afirmação pessoal e profissional trazem indícios de concepções e práticas da docência. Estes encontraram, na intensidade da partilha, no cotidiano do trabalho com colegas mestras e com estagiários e, também, na realização do complemento de formação, espaço de reflexão e consolidação. Na trajetória de Bela, formação identifica-se com liberdade, “não há formação que nos valha se não quisermos” e “a formação só tem sentido quando movida pelo desejo de mudança: o querer mudar, tem que querer muito”.

As diferentes experiências tanto da vida familiar quanto profissional, em montes, aldeias e na cidade, enriqueceram a trajetória de formação de Bela, mas não indicam rupturas biográficas. A mudança para a cidade, ainda muito pequena, e também a atuação profissional durante seis anos em montes e vales, com posterior fixação na escola da cidade, parecem apontar para um movimento processual de construção da vida na cidade, onde mora e trabalha até os dias atuais.

Já os contextos sócio-históricos trazem uma marca significativa, no sentido do encaminhamento de seu processo formativo, das regras de comportamento impostas na infância e, posteriormente, no impedimento na realização do curso de Educação Física em Lisboa pelo fato de socialmente não ser bem visto, já que seu namorado também estava morando lá para estudar. Destaca-se, também, a vivência no contexto anterior e posterior ao 25 de abril.

A formação de Bela encontra força em uma matriz pessoal e partilhada. As *experiências da vida* trazem a aprendizagem da luta constante pela afirmação de sua liberdade, de sua forma de ser como pessoa no mundo. Contudo, este movimento não a centraliza em si mesma, aponta para o outro, para a partilha que

assume relevância ao longo de sua *trajetória profissional*. A partilha com colegas mestras mais experientes e com estagiários, no período de trabalho na escola anexa, impulsiona o processo de construção da docência em suas concepções e práticas. Por outro lado, a vertente *acadêmica* tem uma referência importante no movimento dialético que produz entre rejeição e apropriação crítica. Rejeição das memórias e experiências de cerceamento e apropriação, ressignificação crítica – tendo como referência central sua própria forma de ser e de estar – das intensas práticas pedagógicas no desporto, das referências didáticas fundamentais da Escola do Magistério Primário e do movimento de reflexão teórica sobre a prática aberto pela realização do complemento de formação.

Sobre a escrita da biografia educativa e movimentos de *pesquisaformação*

A biografia educativa aqui apresentada vem de uma intensa interação social entre as professoras-pesquisadoras: Inês e Bela. Ferrarotti (1990) afirma que o fato de termos narrador e ouvinte já nos coloca no âmbito de uma relação social que, aqui, foi produzida de forma dialógica, circular e horizontal. Se na tese denominei o encontro de entrevista biográfica, atualmente, oito anos depois, o chamo de *entrevistaconversa*, já que contou com um roteiro orientador que fala do foco e dos objetivos da pesquisa, mas se deixou levar pelos movimentos de uma conversa.

O limite entre biografia e autobiografia é tênue: no primeiro caso o biografado se faz presente no texto e, no segundo, o sujeito que narra sua própria história é atravessado por muitos outros. A escrita da biografia educativa de Bela traz, assim, a presença das duas professoras pesquisadoras: a que narra e a que escuta, transcreve e reescreve em formato de biografia. As reflexões sobre a trajetória de Bela também foram construídas em diálogo.

No terceiro encontro, ouvi a reflexão da professora sobre o movimento narrativo e também sobre a leitura da transcrição, e levei ensaios de compreensão. A partir desse encontro foram produzidos os ensaios de reflexão.

De fato, desde o primeiro encontro, a impressão é que já nos conhecíamos, senti-me totalmente à vontade e pude observar que também a professora estava tranquila e colocou-se muito disponível para partilhar sua trajetória de vida, mesmo em suas dimensões mais pessoais. A realização das entrevistas na casa da professora trouxe um clima de maior privacidade e aconchego (Bragança, 2006).

Os encontros com Bela, na bonita e histórica cidade de Évora, foram, assim, mediados por um clima de especial amizade e generosidade. A narrativa dela extrapolou a ordem cronológica ou mesmo o roteiro e se afirmou como conversa. Fluiu naturalmente, destacando acontecimentos que vêm marcados por sua importância e não pela ordem cronológica. Em determinado momento, fomos interrompidas. Esta interrupção quebrou o fluxo narrativo, possibilitando a emergência de uma conversa informal em que a professora pôde narrar acontecimentos relativamente recentes de perdas de pessoas queridas da família, a ver com o contexto atual de sua vida e que foram posteriormente retomados em sua narrativa.

Hoje, tivemos 45 minutos a conversar de maneira informal, em um delicioso lanche com bolos alentejanos tradicionais para esse período de Páscoa. Pude partilhar minha trajetória como professora do Ensino Fundamental, no Brasil, o desenvolvimento do trabalho de pesquisa; enfim, penso que nessa metodologia é fundamental um espaço onde também quem está no papel de investigadora possa narrar sua trajetória pessoal e profissional (Bragança, 2006).

A cada experiência vivida com as professoras, fui observando a importância de uma interação informal que ultrapassa os limites da própria pesquisa, mas que é parte constitutiva dela, pois indica a possibilidade de que a investigação traduza, efetivamente, o sentido de formação para todos os envolvidos, professoras/investigadoras e investigadora/professora, em experiências e saberes que se entrelaçam no círculo virtuoso *narrativaescuta*.

Referências

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. “Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação”. *Educação*. v. 34, n. 2, pp. 165-72, Porto Alegre, mai.-ago. 2011.
- _____. “Metamemória-memórias: memoriais rememorados/narrados/refletidos em Seminário de Investigação-Formação”. In PASSEGGI, Maria da Conceição e BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (orgs.). *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente*. Natal: EDUFRN/ São Paulo: Paulus, 2008a, pp. 153-79.
- _____. “Pesquisar com histórias de vida para melhor compreender e valorizar a formação de professores e a realização de práticas docentes significativas”. In ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Educadores sul-rio-grandenses: muita vida nas histórias de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008b.
- BRAGANÇA, Inês F. S. *Histórias de vida e formação de professores/as: diálogos entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- _____. *Histórias de vida e formação de professores/as: diálogos entre Brasil e Portugal* (Tese). Évora, Portugal, 2009. 595f.
- _____ e MAURÍCIO, Lúcia Velloso. “Histórias de vida e práticas de formação”. In PASSEGGI, Maria da Conceição e SOUZA, Elizeu Clementino (orgs.). *(Auto)biografia: formação, territórios e saberes*. São Paulo: Paulus, 2008.
- DOMINICÉ, Pierre. *Learning from our lives: using educational biographies with adults*. São Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- FERRAROTTI, Franco. *Histoire et histoires de vie: la méthode biographique dans les sciences sociales*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1990.

- PASSEGGI, Maria da Conceição e BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (orgs.). *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente*. Natal: EDUFRN/São Paulo: Paulus, 2008.
- PRADO, Guilherme do Val Toledo et al. “Memorial de formação: uma narrativa pedagógica de profissionais da educação”. In PASSEGGI, Maria da Conceição e BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (orgs.). *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente*. Natal: EDUFRN/ São Paulo: Paulus, 2008.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994, Tomo I.
- SOUZA, Elizeu Clementino. *O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores* (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia, 2004.